



Série Debates

A crise do emprego

O 'fantasma' do desemprego já é uma realidade, mas é preciso manter o otimismo

JOSÉ RICARDO FERREIRA

Da Gazeta de Piracicaba
jose.ferreira@gazetadepiracicaba.com.br

Crisis econômicas não pouparam o capital humano em qualquer país do mundo e o drama maior nesse contexto é o desemprego. O trabalhador já vive pressionado pelas inovações e competitividade em todos os setores e quando a economia esfria, a situação piora. Os riscos são enormes para as famílias, pois com o desemprego o pagamento das contas atrasa e a qualidade de vida entra em colapso. Outro temor comum em tempos de crise é o capital humano se sujeitar a trabalhos sem nenhuma proteção legal. Muitos trabalhadores desempregados acabam se sujeitando à informalidade ou a empregadores que desrespeitam leis trabalhistas. Como lidar com o atual cenário nacional e o que esperar para o futuro próximo? Sobre a conjuntura atual do desemprego, a Gazeta entrevistou o economista Francisco Constantino Crocorno, 60, doutor em ciências econômicas pela Esalq/USP. Crocorno é professor e coordenador do Banco de Dados Socioeconômicos do curso de ciências econômicas da Faculdade de Gestão e Negócios (FGN), da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba). Acompanhe os principais trechos da entrevista:

Gazeta de Piracicaba: Quanto tempo dura essa crise do desemprego no Brasil?

Francisco Constantino Crocorno: É impossível responder a essa pergunta. A expectativa é que haja bom senso e ética dos responsáveis para elaborar e colocar em prática medidas que sirvam para melhorar expectativas dos agentes do sistema econômico, ou seja, os homens de negócios e os próprios cidadãos. Devemos considerar também que além de dependermos de nossas políticas internas, estamos cada vez mais dependentes da economia internacional, que também passa por problemas. Outro fator que temos que enfrentar refere-se ao fato de que grande parte das nações no mundo aprendeu com a crise e tornou o mercado internacional cada vez mais competitivo. Existem algumas especulações de que no segundo trimestre de 2016 tenhamos uma pequena retomada da economia brasileira. Entendo que essas previsões partem da expectativa de que algo seja feito em prol da nação.

Gazeta: Qual o perfil dessa crise do desemprego em nosso país?

Crocorno: O desemprego depende do crescimento da economia, ou seja, o aumento de produção, o que gera melhores expectativas para os investimentos. Por exemplo, compra de máquinas, ampliações e novas obras civis e assemelhados. A produção gera emprego, que, por sua vez, gera renda, que pode aumentar o consumo, gerando circulação da moeda de forma mais rápida. Chamamos o impacto do investimento na renda de multiplicador de emprego e renda, e a ren-

da, o acelerador da economia.

Gazeta: O Brasil também sofre com aquele desemprego em função da tecnologia, isto é, muitas funções estão desaparecendo e o trabalhador não está conseguindo voltar ao mercado de trabalho. Qual a saída para isso?

Crocorno: As diferenças tecnológicas entre as nações são grandes, claro que aqueles que detêm as melhores tecnologias conseguem levar vantagem. Temos muito que fazer nessa área, a começar pela melhora na educação, que se constitui base para a qualificação. Por outro lado, apesar de apresentarmos indicadores ainda baixos na educação e criação de tecnologia de forma geral, o perfil do brasileiro vem mudando. Grande parte da população teve acesso aos estudos e cursos de qualificação e se espera que esse contingente venha a colaborar com um Brasil melhor no menor prazo possível. Inclusive, com novas lideranças, com boa formação, qualificação, ética e responsabilidade social.

Gazeta: Nesses tempos de recessão é viável abrir um novo negócio?

Crocorno: É o momento propício para elaborar projetos. A crise sempre acaba forçando o homem a sair da "zona de conforto". Acredito que nas dificuldades é que se procuram soluções.

Gazeta: Quem está sofrendo mais nesse momento: os trabalhadores antigos ou os jovens?

Crocorno: Algumas estatísticas, com base nos dados do Ministério do Trabalho, mostram que trabalhadores com pouco tempo de trabalho e mais jovens foram os mais atingidos pelas demissões. Entretanto, vemos, hoje, que temos também demissão de mais antigos.

Gazeta: Que estratégia é possível seguir a partir do momento que se é demitido nesse novo cenário mundial do desemprego?

Crocorno: Se possível, procurar qualificação para ampliar o leque de opções para o trabalho. Não se deve virar as costas para possibilidade de trabalho com menor remuneração. Redução de gastos, nesses momentos, é obrigatória.

Gazeta: O que se ouve muito é que anos de faculdade não têm sido mais o suficiente para conseguir um bom emprego. Por que isso está acontecendo?

Crocorno: O fato de fazer a faculdade, além do aprendizado em determinada área, também contribui para o exercício da cidadania. O diploma da faculdade não garante o emprego ou o trabalho, mas a postura, a vontade, perseverança e os valores que ali são apresentados e discutidos contribuem, e muito, para o trabalho e obtenção da renda.

Gazeta: A flexibilização das contratações é uma saída ou pode precarizar a situação do empregado?

Crocorno: Novas formas de contratação que possibilitem maior número de emprego sem-



Crocorno diz que o trabalhador procura estudar e se qualificar e isso é um bom sinal para o futuro próximo

pre são bem-vindas. Desde que bem discutidas entre sindicatos patronais e dos empregados.

Gazeta: E o empregador? Em vez de sucumbir à crise, seria a hora de inovar e investir em capital humano?

Crocorno: A formação da mão de obra, além da capacitação técnica, mas na postura, ética e responsabilidade são fundamentais para o sucesso dos negócios e enfrentamento da crise. É fácil observar o quanto vale você ser atendido por um ótimo profissional, especialmente aquele que tem respeito, ética e responsabilidade no que faz.

Gazeta: O que é preciso rediscutir, repensar nesse cenário?

Crocorno: Precisamos de conversas sérias e honestas, discutir as verdadeiras prioridades da sociedade. Precisamos discutir a sociedade e acabar com o individualismo. Devemos divulgar com bastante ênfase as coisas boas, as boas ações. Existem muitas pessoas que exercem a cidadania trabalhando honestamente, esses são os verdadeiros brasileiros. Os canais de comunicação perdem muito tempo divulgando o errado. A divulgação do correto, com certeza, vai difundir a ética, sensibilidade, responsabilidade e melhorar as relações entre os homens. Ações honestas, éticas e responsáveis devem passar a ser o comportamento normal do homem, e não o inverso.